

Anexo 9. Guiões de apoio ao *Workshop* inicial, na Biblioteca de Marvila

1. CRIAR - Criação, Criatividade, Artes

- Como tem evoluído a criação e produção artística em Lisboa? Em qualidade? Em quantidade? Em visibilidade? O que pode ser feito para a potenciar?
- Onde surge a criatividade? Onde e como se faz a criação e a produção? Em que espaços, em que zonas da cidade? Que condições são necessárias e fundamentais para o seu desenvolvimento (espaços, estruturas institucionais, dinâmicas pessoais e motivações individuais?)
- Quais as questões críticas na passagem da criação artística (do processo criativo propriamente dito) à produção de um bem cultural? E daqui à sua distribuição até ao seu público? Como ultrapassar os estrangulamentos identificados?
- Que formas de governança (e regulação – sejam internas ou externas à atividade) existem e são requeridos para desenvolver a criação? Qual o papel (ou os papéis) das entidades públicas? Como gerar e consolidar outras formas de regulação alternativas e complementares?
- Como fomentar a criatividade, a criação e as dinâmicas criativas? Que soluções inovadoras podem existir (formação, organização, residências, intercâmbios,...)? Como articular os agentes e como incentivar a troca de experiências, de know-how e a colaboração e trabalho em rede?

2. LEMBRAR - Património, História, Memória

- Como articular e pensar (de forma integrada?) a oferta museológica existente em Lisboa? Faz sentido aumentar a ligação em rede em alguns aspetos associados ao seu funcionamento e gestão (gestão das coleções e aquisições, promoção, política de tarifação, aproveitamento de outras economias de escala, uma marca comum,...)?, Que articulação existe (e é possível) entre a oferta local e a nacional, entre a pública e a privada?
- Que novos desafios enfrentam as diversas instituições associadas à preservação da memória (escrita, visual, oral) e de que forma podem melhorar a sua articulação no prosseguimento dos seus fins específicos, (sejam bibliotecas, arquivos, fonotecas, hemerotecas, videotecas, cinematecas, etc.) ao nível de aspetos como a política de aquisições, conservação dos espólios, articulação de recursos, gestão de espaços, promoção da digitalização, etc.?
- Como pode ser gerido e pensado articuladamente, ao nível da cidade e das suas instituições, o dilema permanente entre preservação/conservação/aumento das coleções vs. exposição/visibilidade/promoção, que todas estas instituições sofrem individualmente (e particularmente a pressão crescente para privilegiarem a segunda vertente como forma de aumentarem o seu autofinanciamento)?
- Como lidar com uma lógica de patrimonialização crescente dos recursos/ativos territoriais locais? Como garantir recursos (financeiros, humanos, etc.) para corresponder a uma cada vez maior pressão para a classificação e patrimonialização de mais coisas, a várias escalas? Como gerir em termos de cidade o interesse crescente pelo património mais intangível?
- Como criar mais envolvimento e participação dos cidadãos/empresas na dinamização e fruição do património? Como compatibilizar a vida quotidiana (e uma utilização dos espaços classificados) com a preservação da memória e do património, bem como com uma gestão sustentável de locais que são classificados, mas (e por isso mesmo...) necessariamente também alvo da pressão turística?
- Como gerir os novos desafios no financiamento do património, da preservação da memória e da herança cultural, dos museus, seja ao nível local, seja nacional? Como fazer essa

compatibilização? Qual o papel de instituições e mecanismos como fundações, círculos, associações de amigos, patrocínios, mecenato...?

- Como fomentar a articulação da preservação da herança cultural, e da promoção do conhecimento sobre a cultura local (a história, a arqueologia, etc.) com uma maior ligação à investigação e às instituições de ensino? Como articular as diversas instituições da cidade em torno de projetos comuns?

3. DISTRIBUIR - Acessibilidades, Públicos, Mercados, Difusão

- Como aumentar a capacidade competitiva da oferta cultural lisboeta nos diversos mercados (sejam eles mais generalistas ou independentes), através de um maior entendimento e controlo dos mecanismos de distribuição? Como impor, nacional e internacionalmente, os bens culturais produzidos em Lisboa, particularmente nas indústrias culturais e criativas (cinema, literatura, conteúdos audiovisuais e multimédia, música, *design*, arquitetura, etc.)?
- Como gerar e apoiar o surgimento de dinâmicas ao nível da distribuição e difusão da produção cultural local, nomeadamente no campo das artes performativas e visuais, que permitam a sua promoção interna e externa à região (fomento do empreendedorismo, de competências para a divulgação, promoção e gestão cultural, aumento da articulação em rede e inserção em lógicas de distribuição internacionais, etc.)?
- Como articular as dinâmicas da cidade como “espaço de programação e de exposição” vs. “espaço de laboratório e de produção”? Como pode ser isto discutido à luz de questões essenciais como o grau de maturidade do mercado e das procuras, a projeção internacional, o valor social destas atividades, ou a sustentabilidade das galerias e das salas de exposição e de espetáculo?
- Como articular e complementar os circuitos e espaços de difusão das artes visuais e performativas da cidade de Lisboa? Faz sentido rever os compromissos institucionais e pensar na diferenciação das atividades das diversas instituições? E como pode isto ser feito?
- Como pode ser gerida a relação entre a oferta mais mainstream e a mais independente, nos diversos setores (artes performativas, visuais, indústrias culturais,...), numa lógica de crescente mercantilização, comodificação e entrada na esfera do mercado de uma mais ampla gama de produtos culturais? Qual o sentido para a intervenção pública e que novos desafios esta situação coloca?
- Qual foi ou é o papel dos grandes eventos na dinamização cultural da cidade? Qual a sua importância no contexto atual e quais se têm afirmado de forma consistente? Qual o seu efetivo impacto? Conseguem afirmar-se para além da esfera do efémero e gerar dinâmicas sustentáveis? E como podem ser geridos os perigos da "festivalização" da cidade?
- Como criar valor e promover a qualidade da oferta cultural através do papel dos mediadores culturais? De que forma o seu papel é importante e como podem ser mobilizados os mediadores e processos de mediação (críticos, intermediários, programadores, jornalistas, agendas culturais, guias e anuários, etc.) na criação de públicos (mais ou menos diferenciados ou generalistas) e de valor económico?
- Como lidar com as transformações estruturais (tecnológicas, na organização económica, na regulação) que afetam as atividades culturais e particular a sustentabilidade das industriais mais estruturadas? Que atuações podem ser desenhadas, especificamente a nível local (articulação de atores, formas de governança, etc.), para promover a sustentabilidade e competitividade externa destas atividades (p.e., ao nível da convergência tecnológica, das lógicas de distribuição dos conteúdos, da discussão da questão dos direitos de autor e propriedade intelectual, etc.)?

4. CONHECER - Ensino, Conhecimento, Literacia

- Como está o estado da formação dos artistas, criadores e demais agentes culturais da cidade? Como se desenvolvem as suas competências não só ao nível estritamente artístico, mas

igualmente ao nível técnico e organizacional, essenciais para a produção cultural (p.e., competências específicas de técnicos de som, de palco, etc., gestores culturais, etc. mas também competências transversais, p.e., no domínio de novas técnicas e tecnologias pelos artistas, por exemplo)? O que pode ser feito neste campo? Como articular os diversos atores envolvidos, no sistema de ensino e formação, formal e informal?

- Como promover a literacia e a criação de capital cultural, essenciais para a mobilização e formação de públicos, na população lisboeta em geral? Como articular as diversas instituições e vontades de forma a promover no sistema de ensino, nos media e através de outras formas, uma formação geral dos cidadãos mais enriquecedora, com maior contacto com as artes e a acultura, que seja indutora de novas práticas e de novos consumos culturais?
- Como articular as múltiplas iniciativas e estratégias existentes, nas mais variadas instituições, nos campos da divulgação artística, dos serviços educativos, das estratégias de formação de públicos? Como partilhar experiências e disseminar boas práticas em relação aos resultados alcançados?
- Como promover a cultura científica e a disseminação da produção científica na cidade? Como articular as diversas instituições em torno de projetos conjuntos que promovam a cultura científica na cidade e alarguem os seus “públicos”?
- Como gerar, manter e divulgar o conhecimento sobre as atividades culturais da cidade? Como se podem promover mecanismos de produção de informação (estatística e outra, tanto quantitativa como qualitativa) sobre a atividade cultural na cidade? Como criar estruturas e indicadores que permitam monitorizar a sua evolução? Como fazer com que essa informação seja útil e facilmente passada para o cidadão em geral e para os decisores públicos que gerem a cidade?

5. PARTICIPAR - Diversidade, Espaço Público, Cidadania

- Como aproveitar e beneficiar da diversidade, multiculturalidade e transculturalidade de Lisboa? É Lisboa efetivamente uma cidade multicultural? E como se exprime essa diversidade cultural? Como pode ser potenciada? Como aproveitar esta diversidade em prol de uma maior criatividade e de uma expressão artística transcultural, com valor acrescentado assente no cruzamento intercultural?
- Como podem a arte e a cultura ser veículos e instrumentos de inclusão social? Como se pode passar de experiências isoladas e casos concretos a uma atuação mais sistemática e consistente neste campo?
- Como é feita a utilização e apropriação do espaço público pela cultura e pelas manifestações culturais? O que falta, e porquê? O que pode ser feito para fomentar uma utilização mais quotidiana e consistente dos espaços públicos?
- Como fomentar a participação cívica e o envolvimento das populações na atividade cultural? Qual o papel das associações e do movimento associativo? O que está na base do grande sucesso de algumas novas instituições e organizações do setor cultural de base associativa? Como articular o novo movimento associativo com o mais “tradicional”?
- Como mobilizar e atrair as pessoas a estes novos espaços coletivos de criação e associação? Como articular com novos espaços de difusão e promoção da atividade criativa artesanal e amadora (p.e., novas feiras, espaços expositivos,...)? Farão sentido novos centros cívicos, para ancorar formas de participação e de mobilização mais descentralizadas? Como pode tudo isto ser articulado com as novas realidades, linguagens e espaços culturais (a cultura digital, a Internet, a blogoesfera,...)?
- Como aproveitar, articular e dinamizar o trabalho das diversas coletividades e associações existentes, em particular no campo da criação mais “amadora”, de forma a enriquecer e reforçar a oferta cultural da cidade e articular com a atividade das entidades mais “institucionais”?

6. PLANEAR - Vitalidade, Proximidades, Bairros, Equipamentos

- De onde vem a vitalidade dos bairros “criativos”/“culturais” e o que alimenta as dinâmicas criativas nessas áreas? Como se pode disseminar a criatividade pela cidade? Como fomentar a criatividade num bairro “normal”?
- Como é que as atividades culturais podem servir para promover a (re)vitalização e requalificação urbana? Como podem ajudar a revitalização das zonas centrais e históricas da cidade? Como podem apropriar-se das zonas em reconversão (industriais, ribeirinhas, etc.) e promover a sua redinamização?
- Como é que as atividades culturais se podem articular e podem jogar com as dinâmicas do mercado imobiliário na cidade? Como poderão afirmar o seu papel na valorização territorial sem verem essas dinâmicas destruídas pelas consequências negativas da gentrificação?
- Qual a importância de outras áreas de atuação urbana para o desenvolvimento das atividades culturais e da criatividade na cidade? Qual o impacto da atuação em termos da mobilidade, da habitação, da fiscalidade, da inclusão social, no acesso à cultura e na possibilidade de desenvolvimento de dinâmicas criativas? Que diálogo existe (e será possível) entre a política cultural municipal e as outras políticas municipais? E com outros atores de política pública?
- Que espaços tem a cidade disponíveis e que espaços pode a cidade valorizar para a atividade cultural e criativa? Como se pode promover a conservação / recuperação / apropriação / construção de novos de espaços culturais na cidade?
- Como planejar e organizar uma oferta cultural de proximidade na cidade? Como gerir, articular e rentabilizar redes de equipamentos e recursos culturais?
- Que articulação é possível (e necessária) entre as múltiplas entidades e espaços em que se joga a oferta cultural da cidade? Quais as soluções em termos de governança que possibilitem essa articulação? Entre as diversas escalas territoriais (municipal, intramunicipal, intermunicipal ou metropolitana, regional, nacional, etc.), e, internamente a cada uma delas, como se faz a conectividade e o diálogo interinstitucional?

7. REPRESENTAR - Identidade, Imagem, Imaginários

- Como pode(m) ser vista(s) a(s) identidade(s) lisboeta(s)? Onde está essa identidade e como pode ser expressa e valorizada? Nos diversos bairros e na sua especificidade? Na história e na tradição? Na contemporaneidade e nas vivências atuais? Na multiplicidade e na transculturalidade? No cosmopolitismo? Em tudo isto?
- Qual é e qual pode ser a imagem de Lisboa? Quais as autorrepresentações dos lisboetas e as representações externas? Como será possível afirmar uma marca cultural da cidade? E como evitar a sua “turistificação”?
- Qual a representação de Lisboa nas obras culturais? Como se faz a construção dos imaginários artísticos culturais de Lisboa? Que relação com a realidade tem a Lisboa que vemos nos filmes, na música, nos livros, na pintura, etc.?
- De que Lisboa falamos quando falamos de Lisboa? Lisboa, a cidade/concelho vs Lisboa, a metrópole? Quem são os Lisboetas, numa lógica de crescente mobilidade (pendular e migratória)? Quem usa, quem vive, e quem forma esta cidade?
- Existirá uma “cena” de Lisboa (um *hype* associado a certa produção cultural da cidade)? Como se estrutura e constrói uma “cena” e se projeta a imagem externa da cidade associada a essa ideia? Como pode isso ajudar a promoção externa das obras e dos artistas locais?